


## O PAPEL SOCIAL DO MITO NA ANTIGUIDADE GREGA

### THE SOCIAL ROLE OF MYTH IN ANCIENT GREECE

 <https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-062>

Submetido em: 02/07/2026 e Publicado em: 10/07/2026

SAS: e26283

**Marcelo Jandrey Hahn**

Pós-graduação em Docência no Ensino do Teatro

Faculdade dos Vales

E-mail: [tec.marcelohahn@gmail.com](mailto:tec.marcelohahn@gmail.com)

#### Resumo

Diante da representatividade que a mitologia grega sustenta na cultura e estrutura da sociedade ocidental na atualidade, foi elencado como escopo central da temática da qual trata este artigo, o papel social do mito na Antiguidade grega, com o objetivo de compreender a influência do mito na antiguidade grega, apresentar dados relevantes sobre os constructos mitológicos, possibilitar a análise do pensamento mitológico, entender o contexto social da sociedade grega na antiguidade e refletir sobre a influência do pensamento mitológico que resiste até os dias atuais, além do aprofundamento teórico sobre no escopo cultural, fontes de dados para conhecimento dos mitos antigos e a íntima ligação que a mitologia mantém com o pano de fundo religioso. Tendo a fundamentação deste estudo com base em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, pela qual é possível ter acesso a informações e dados fidedignos, buscando resultados de pesquisas de conceituados autores que buscaram alicerçar tal tema com pesquisas e aprofundamentos oportunos e de grande relevância e valia para a análise focal deste estudo. A problematização que guiou o levantamento de dados foi a seguinte: Qual a influência do pensamento mitológico na sociedade grega da antiguidade? Tem-se a subdivisão para melhor compreensão em tópicos: mitologia e sociedade; mitologia e religião; fontes da mitologia grega; origem da mitologia grega; mitologia e cultura, além da análise dos dados apresentados anteriormente. Com isso, diante da fundamentação científica baseada em referências respeitáveis, ao final, estão descritas as considerações finais pertinentes e a lista do referencial de base do artigo.

**Palavras-chave:** Filosofia; Grécia Antiga; Mitologia; Sociedade.



## Abstract

Given the significant role that Greek mythology plays in the culture and structure of Western society today, this article focuses on the social role of myth in ancient Greece. Its objectives are to understand the influence of myth in ancient Greece, present relevant data on mythological constructs, analyze mythological thought, understand the social context of ancient Greek society, and reflect on the enduring influence of mythological thought. Furthermore, it delves into the theoretical scope of cultural research, data sources for understanding ancient myths, and the close connection between mythology and the religious context. This study is based on qualitative bibliographic research, which provides access to reliable information and data, drawing on research from renowned authors who have provided valuable insights and insights into this topic. The guiding question for data collection was: What was the influence of mythological thought on ancient Greek society? For better understanding, the article is subdivided into topics: mythology and society; mythology and religion; sources of Greek mythology; origin of Greek mythology; mythology and culture, in addition to the analysis of the data presented previously. Therefore, based on a scientific foundation grounded in reputable references, the relevant concluding remarks and the list of the article's basic references are described at the end.

**Keywords:** Ancient Greece; Mythology; Philosophy; Society.

## 1 INTRODUÇÃO

As raízes do pensamento mitológico, hipoteticamente, mostram-se fortes, profundas e arraigadas na sociedade, muitas vezes resistindo, ou incorporando as novas formas de pensamento, independentemente da cultura.

Todas as culturas, de todas as eras, tiveram como característica sua própria estrutura mitológica. Com isso, por si só fica evidente que o mito supera a ideia superficial de lenda e revela-se como resultado de um constructo social, com objetivos, nem sempre claros para o indivíduo que o sustenta.

Vista a representação do pensamento mitológico na vida das pessoas por tanto tempo, foi tomado por objeto de estudo para elaboração desta pesquisa, o pensamento mitológico na Grécia Antiga. Tendo como problematização a busca pela resposta da seguinte indagação: Qual a influência do pensamento mitológico na sociedade grega da antiguidade?

Mas porque a Grécia Antiga? Pela representação filosófica, histórica e de referência ocidental da mitologia grega da antiguidade. Esta que influenciou, mesmo com a ideia de superação, diversas correntes filosóficas e alcançou a popularidade midiática na contemporaneidade, sendo tema de programas televisivos, filmes e seriados.

Elaborado através de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, o presente artigo teve como



objetivos compreender a influência do mito na antiguidade grega, apresentar dados relevantes sobre os constructos mitológicos, possibilitar a análise do pensamento mitológico, entender o contexto social da sociedade grega na antiguidade e refletir sobre a influência do pensamento mitológico que resiste até os dias atuais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Trigo (2013) aponta que um dos pilares da filosofia ocidental, senão um dos principais nomes da filosofia na antiguidade, foi Sócrates. Afirmado inclusive que “ Sócrates representa uma passagem fundamental na história do pensamento ocidental, ao encarar o ser humano” (Trigo, 2013, p. 102).

Através dos três momentos do método socrático (a ironia, a indução e a maiêutica) o ser humano pode atingir a verdadeira sabedoria e a verdadeira areté, a teoria da virtude-ciência. É a valorização da faculdade intelectual do homem, capaz de levá-lo, através da correta reflexão filosófica, à prática do bem e da justiça (Trigo, 2013, p. 103).

Tanto Sócrates quanto seus antecessores, os pré-socráticos ou também conhecidos como filósofos cosmológicos, partiam de uma ideia de buscar explicações (sobre diversos “objetos”, inclusive a origem de tudo) fundamentadas pela razão (Trigo, 2013). Levantando-se em contramão ao formato de pensamento que já existia e era consolidado pela crença popular, o pensamento mitológico.

Alguns autores costumam chamar de “milagre grego” a passagem do pensamento mítico para o pensamento crítico racional e filosófico. Atenuando a ênfase dada a essa “mutação”, no entanto, alguns estudiosos mais recentes pretendem superar essa visão simplista e a-histórica, realçando o fato de que o surgimento da racionalidade crítica foi o resultado de um processo muito lento, preparado pelo passado mítico, cujas características não desaparecem “como por encanto na nova abordagem filosófica do mundo”. Ou seja, o surgimento da filosofia na Grécia não foi o resultado de um salto, um “milagre” realizado por um povo privilegiado, mas a culminação de um processo que se fez através dos tempos e tem sua dívida com o passado mítico (Aranha, Martins, 1993, apud Silva, 2017, p. 21-22).

Cabe aqui salientar que a filosofia não passou a ter popularidade intelectual de forma repentina, precisou defrontar algo bem consolidado na forma de compreender o mundo da sociedade grega. O pensamento mitológico fazia parte da cultura daquele povo, transmitido de geração em geração. Partindo desta afirmação, pode-se perceber que a concepção mitológica não era apenas lenda, mas sim resultado da concepção temporal e divina de uma sociedade.

Desta forma, é possível caracterizar a similaridade da filosofia e do mito, sob a perspectiva de que ambos estavam em busca de explicações, trazendo uma característica inerente ao ser humano, conhecer a causa, as origens, entender processos e consequências, no entanto, o que os difere é o método que caracteriza cada um.



## 2.1 MITOLOGIA E SOCIEDADE

Para compreender o papel do mito e sua ligação com a sociedade em análise da diversidade de sociedades de forma geográfica e temporal, primeiramente se faz necessário ter conhecimento sobre o conceito de mito em si. Porém, cabe salientar a relevância da mitologia grega na antiguidade e sua influência social (Braga Junior, Lopes, 2015).

Chauí (2000, p. 32) aponta o conceito de mito fundamentado na tradição grega:

Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.). A palavra MITO vem do grego, MYTHOS, e deriva de dois verbos: do verbo MYTHEYO (conversar, narrar, falar alguma coisa para os outros) e do verbo MYTHEO (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

Com base na conceitualização de Chauí (2000) mito é a explicação do início das coisas, como determinado fenômeno foi originado e o caráter narrativo de tal explicação, com fortes traços fantásticos, tendo um aspecto especulativo de realidade, do qual o narrador tem a autoridade de afirmar a veracidade daquilo que expõe.

Para Eliade (1972, p. 90), “os mitos representam os modelos paradigmáticos estabelecidos pelos Entes Sobrenaturais, e não a série das experiências pessoais de tal ou qual indivíduo”. Dessa forma fica reiterada a característica fantástica e fantasiosa da narrativa mítica, porém em contrapartida da autora antes citada, descaracteriza a fonte experimental que daria a confiabilidade ao narrador que supostamente presenciara alguma ocorrência mítica, assim apenas transmite um modelo de Ente Sobrenatural que desempenhe uma espécie de função significante e profunda no indivíduo que recebe a mensagem do narrador.

No entanto, Chinazzo (2013) afirma que o mito é superficialmente compreendido muitas vezes apenas como uma narração fantástica sobre atos de grandes heróis de eras passadas. Porém, existe uma característica comum aos indivíduos ligada a mitologia, pois diante de um mundo cheio de possibilidades, o mito traz a calma de uma possibilidade de explicação perante um fenômeno, tendo forte caráter pré-reflexivo, por este motivo tem fortes traços racionalmente inexplicáveis.



[...] o mito é conhecimento que fundamenta e consolida a convivência humana. Nele e por ele acontece a vida associada, convencendo os homens e compartilhar a origem e o destino de suas vidas. E é por isso que a narração mítica tem como cenário a vida comunitária. Ao narrarem o mito, as pessoas da comunidade narram acontecimentos do seu cotidiano, como o nascimento, a morte, a família, as crenças, as práticas religiosas, as festas, as danças, as atividades de sustento etc. Ler o mito dá acesso à vida das comunidades míticas. Há uma identidade entre o mito e a comunidade (Chinazzo, 2013, p. 15).

Com isso, a autora defende que o fator social do mito, não se trata apenas de um ou outro indivíduo, mas sim de uma identidade comunitária, que transfere essa categoria de conhecimento para as futuras gerações, transferindo-o como tradição. Desta maneira, o mito agrega um aspecto de conexão das gerações mais novas com os preceitos antigos, este que pela crença nos mitos, estabeleceram os costumes (tradição) que dão características próprias de cada grupo, com isto fica de certa forma implícita a necessidade de conhecer os mitos de grupos, por parte de quem tenha por desejo compreender de forma mais ampla a sua cultura, desde sua organização social e política, por exemplo (Chinazzo, 2013).

Na maioria das vezes, para o grego antigo, não existia uma distinção clara entre o mundo natural e o sobrenatural. Estas eram áreas interligadas, que dialogavam entre si e tinham uma origem comum. Existia, entretanto, uma diferenciação clara entre humanos e os deuses, sendo que estes últimos detinham amplo controle dos fenômenos naturais e eram capazes de modificá-los conforme seu humor ou interesse (Silva, 2017, p. 57).

Silva (2017) aponta a forte influência e característica mística, ligado a fatores sociais, religiosos, crenças e até na política grega. Tal influência, pode também ser entendida pelo seguinte motivo, o que hoje chamamos de mito, nos tempos antigos da Grécia, não era visto desta forma, mas sim era entendido como a realidade que era vivida, não se tinha o mito em Zeus, demonstrado na figura 1 segurando um raio, mas sim a fé e a crença nos poderes e características desta deidade.



Figura 1 - Escultura de Zeus



Fonte: Wikipedia (s.a). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeus>.

“Perceba que o mito não é somente uma fantasia, uma crença ou um costume. É um conjunto desses fatores combinado a um modelo de sociedade” (Silva, 2017, p. 30). Assim, é possível verificar que características antropomórficas de Zeus (Figura 1) são integradas por suas características divinas, poderes que não podem ser explicados de forma racional, mas é considerado verídico, pois está relacionado com a abstração dos indivíduos da sociedade grega da antiguidade buscando de forma pré-reflexiva a explicação para tudo que os rodeia (Silva, 2017).

## 2.2 MITOLOGIA E RELIGIÃO

As características antes apresentadas também têm validade para mitos das demais sociedades e culturas, pois o mito não é visto como mito por aqueles que o entendem como uma explicação de fenômenos, desta maneira os mitos acabam por ter certa intimidade com a religiosidade dos povos em determinados recortes históricos.

“As religiões antigas não são nem menos ricas espiritualmente nem menos complexas e organizadas intelectualmente do que as de hoje. Elas são outras. Os fenômenos religiosos têm formas e orientações



múltiplas” como Vernant (2006, p. 3) explica, ao analisar as religiões de sociedades, no passado, não se pode pormenorizar toda a sua formatação e simplesmente comparar com a formatação atual da religiosidade, considerando primitiva, dando assim algum juízo de valor. Sendo assim, é preciso compreender a historicidade do fenômeno religioso, dentro do seu contexto temporal e histórico.

Sobre o fenômeno religioso, o afamado pai da psicologia, Sigmund Freud (2011) caracteriza que grande parte das pessoas o aceita como um sistema que garante providências diante de doutrinações e dádivas, que traz explicações de enigmas de forma absoluta, sem necessidade perfectível.

O homem comum entende como sua religião, o sistema de doutrinas e promessas que de um lado lhe esclarece os enigmas deste mundo com invejável perfeição, e de outro lhe garante que uma solícita Providência velará por sua vida e compensará numa outra existência as eventuais frustrações desta. Essa Providência o homem comum só pode imaginar como um pai grandiosamente elevado (Freud, 2011, p. 17)

Com a conceitualização do autor sobre a religiosidade, fica novamente aparente a busca por significações que caracteriza certa semelhança entre a mitologia, religiosidade e a própria filosofia. No entanto, Freud (2011) deixa a religiosidade com aspecto diminuto em relação a plena inteligibilidade humana, considerando como uma forma infantil de conceber a realidade. Diante desta conceitualização, pode-se demonstrar observando a obra de Michelangelo, intitulada “A criação de Adão” na figura 2, na qual a divindade, “um pai grandiosamente elevado” como afirmou Freud (2011, p.17), está com seu braço estendido, esforçando-se para chegar ao homem (Adão).

Figura 2 - A criação de Adão de Michelangelo Buonarroti



Fonte: Toda matéria (s.a). Disponível em:< <https://www.todamateria.com.br/a-criacao-de-adao-michelangelo>>.



Desta maneira, Tolovi (2011, p. 1) acrescenta que:

O ser humano, diferentemente de todos os outros seres, não tem como desafio apenas adaptar-se ao mundo no qual ele passa a habitar. O Homem tem como desafio indispensável localizar-se no mundo, compreender-se no mundo, explicar e dar sentido ao mundo para sentir-se seguro dentro dele. Em meio a este desafio existencial o ser humano, na construção de seu universo cultural, sempre construiu, junto com este, mitos e religiões.

Coube ao autor apresentar uma apreciável explicação do motivo que o ser humano busca entender os fenômenos que o rodeia, caracterizando-o como um instinto natural, no entanto não traz uma formatação fechada de explicação, sendo que pode ter esferas diferenciadas em diferentes culturas, recortes históricos ou até mesmo diferentes ideologias dentro de uma mesma sociedade que é integrada por diferentes indivíduos e agrupamentos que compreendem de forma controversa, em relação às demais, suas concepções diante das indagações exploratórias universais.

Além disso, apesar do caráter social em maior escala, essas significações passam pela abstração individual, sendo que as mais populares e mais aceitas são aquelas que tem abstração semelhante por um grupo maior dentro da sociedade.

Um mito como os da Grécia não é um dogma cuja forma deve ser fixada de uma vez por todas de maneira rigorosa porque serve de fundamento a uma crença obrigatória. O mito, como dissemos, é uma tela sobre a qual estão bordadas a narração oral e a literatura escrita; e estão bordadas uma e outra com liberdade suficiente para que as divergências nas tradições, nas inovações trazidas por certos autores não constituam escândalo nem problemas do ponto de vista da consciência religiosa. (Vernant, 1999, p.189-90)

Vernant (1999) contribui com o rompimento dogmático que a mitologia deve ter em relação com religiosidade, sendo que os mitos são uma forma de compreender a forma que a maior parte de um povo, no caso aqui os gregos da antiguidade, acreditava e via o mundo em que viviam, um fator social que tem grande representatividade antropológica, por esta perspectiva pode-se afirmar que o mito difere da religiosidade pela extensão de cada uma das esferas.

### 2.3 FONTES DA MITOLOGIA GREGA

Para que seja possível compreender historicamente a cultura de um povo, e como cabe neste estudo, a estrutura mítica, é preciso ter acesso às suas fontes. Porém se o mito tem forte caráter narrativo, como tem-se acesso à mitologia da Grécia Antiga?

Para além da composição literária, há no mito uma arquitetura própria conceitual que opera numa forma de codificação do real. Essa codificação, expressa por meio de narrativas, é um tipo de saber sobre o mundo, que depois será apropriado e transportado para outro registro da língua e do pensamento, a filosofia (Moerbeck, 2018, p. 10).



Diante da afirmação de Moerbeck (2018), é notável a aproximação da concepção mitológica com a forma dos gregos antigos se relacionarem com a natureza e com seus semelhantes, mas que passa por formas de registro que vão sendo transferidos com o passar do tempo.

Os registros literários são riquíssimas fontes de informações das sociedades antigas, como a grega, pois contém em sua essência a descrição de como era a composição cultural, como afirmam Murari e Pereira Melo (2009, p. 2):

Mas quando trata-se da Grécia antiga, se torna inevitável a busca pelo auxílio desse tipo de literatura, especialmente dos poemas homéricos: *Ilíada* e *Odisséia*. Os poemas épicos homéricos são considerados as primeiras obras de literatura grega, e estes, por sua vez, abriram portas para outros grandes poemas clássicos. A constituição do mito, vinculado a um passado de glórias, associado à escrita, colaborou decisivamente para a formação da literatura grega, e também contribuiu para as posteriores composições literárias.

Com o acesso a registros escritos, como é o caso dos poemas homéricos, foi possível vislumbrar as características sociais da antiguidade grega, além de ter acesso a uma miríade de informações sobre os mitos gregos e o seu panteão. Com isso, Homero em suas obras apresenta uma fonte histórica de grande valia, pois serve para pesquisar a constituição da Grécia Antiga em diversas esferas.

Sempre confiados nas céleres naus, atravessam velozes o mar intenso. O que a terra lhes deu tal officio. São-lhes as naus mais ligeiras que as asas e que o pensamento. Palas Atena, depois que isso disse, se pôs a guiá-la, rapidamente; ele, empós, as pegadas da deusa seguia, sem que os Feácios, amantes do remo, o tivessem sentido, quando através da cidade e do povo passou. Isso impede Palas, de tranças bem-feitas, a deusa potente, que névoa prodigiosa lhe lança em redor, porque muito o estimava. Vê, admirado, Ulisses as simétricas naves, os portos, a ágora das reuniões dos heróis e os compridos, os altos muros, providos de estacas, à vista espetác'lo soberbo (Homero, 2011, p. 142).

Neste trecho de *Odisseia* de Homero no Canto VII ao discorrer sobre a entrada de Ulisses na casa de Alcínoo é perceptível o elemento fantástico e divino, agindo lado a lado com o humano, caracterizando a ação das divindades com feitos heroicos, além de descrever referências arquitetônicas e estruturais da pólis, reafirmando o caráter documental dos poemas homéricos, ultrapassando sua utilidade somente literária.

Já, Cerqueira (s.a, p. 5) agrega uma fonte bastante relevante inserida na cultura grega da antiguidade:

Essa hermenêutica arqueológica dos vasos devia completar aquilo que já se conhecia pelos textos antigos, ou preencher lacunas, ou mesmo apresentar variáveis; buscava-se colocar em relação com conhecidas ou eventualmente perdidas versões de mitos da epopéia, lírica ou poesia trágica (Cerqueira, s.a, p.5)

Esta fonte histórica deveras relevante, é a iconografia encontrada em vasos, esses achados arqueológicos ao serem submetidos a análises hermenêuticas apresentam muitos mais que recursos visuais,



pois somam com os elementos literários já estabelecidos, como afirma Cerqueira (s.a).

## 2.4 ORIGEM DA MITOLOGIA GREGA

Como foi apontado anteriormente, o ser humano, no decorrer da história, não apenas enfrentou os desafios para sobreviver, mas também procurou dar significado para os fenômenos ao seu redor, inclusive o fenômeno que desencadeou a efetivação da vida humana. A busca por respostas e explicações dá-se de forma natural, como a exploração de uma curiosidade intrínseca da natureza do homem.

Pretender falar dos mitos da criação requer uma neutralidade epistemológica, bem como uma neutralidade axiológica. Penetrar no ambiente mítico é se deixar entrar no âmbito do inominável, na esfera do sagrado, isso quer dizer do desconhecido absolutamente outro. [...] O Mito é, sem dúvida, o ambiente do inominável, porém pode ser conhecido pelo entendimento de uma razão que quer apreender o real como algo que escapa da percepção do imediato (Leite, s.a, p. 8).

Com isso, Leite (s.a) afirma que é preciso ir além do pensamento lógico para poder vislumbrar o significado dos mitos, além do mais é necessário deixar de lado concepções atuais e regionalizadas sobre o mundo e dar um mergulho hermenêutico nos artefatos utilizados para conhecer os mitos das diversas culturas, em especial na mitologia grega, tema deste artigo.

Como afirma Meneghetti (2015, p. 137) “A informação é o princípio básico elementar do universo”. Com isso presume-se que o início do mito dá-se pelo ímpeto humano de explicar o mundo, a vida e tudo mais, estabelecendo critérios que proporcionaram, de certa forma, calma para sua necessidade de explicações, mesmo que fosse uma informação sem precisar de comprovação, tendo sua curiosidade nata sanada, pelo menos até que um novo formato pudesse mudar as concepções de explicação, como é o caso da filosofia e da ciência, por exemplo.

Os mitos fazem parte das diversas culturas humanas desde sempre, pois as diferentes histórias que vivem seus deuses e heróis acabam remetendo a uma mesma grande aventura: a difícil travessia do rio da vida, com as dificuldades e perigos que assombram a nós (Maziero, 2006, p. 17).

De acordo com Maziero (2006) o mito tem em sua característica nuclear de explanar os desafios de cada povo, em diferentes épocas e contextos geográficos, de maneira que aceite fatores fantásticos, com heróis exemplares tendo sorte e infortúnios desenrolados de acordo com o agir de deidades, com características tão diversas que formam um panteão de personalidades fantásticas e poderosas. Um ótimo exemplo da mitologia grega, é Hércules nos doze trabalhos, demonstrado na figura 3.



Figura 3 - Hércules e o Leão da Nemeia



Fonte: Mitografos (s.a). Disponível em:< <https://mitographos.blogspot.com/2015/10/hercules-os-doze-trabalhos-o-leao-da.html>>.

Com isto, tem-se a proximidade com Heroogonia, na qual está presente na gênese dos grandes heróis da mitologia, em especial da grega, que consiste em divisões específicas e simbólicas presentes na jornada heróica, sendo equiparada simbolicamente com desafios de vivências de qualquer pessoa (Leite, s.a).

No entanto, quando trata-se de mitologia grega é preciso compreender a cosmogonia, um termo que etimologicamente refere-se a origem do mundo, ligada com o empoderamento de seres capazes de dobrarem as leis naturais de acordo com a sua vontade e seus poderes dignos de divindades, como Hércules (Figura 3) com sua força superior à capacidade humana.

As cosmogonias, como no caso grego da Teogonia de Hesíodo, estão estruturadas em um modelo antropomórfico, que estabelece uma sequência de gerações. A cosmogonia comumente explica o mundo de outrora como diferente daquilo que se pode ver no de hoje. Se esta é a ordem certa e estável do mundo, provavelmente o que aparecia antes era um conjunto de caos e desordem, mistura de lodo, mar, noite e abismo. Noutra forma, as origens podiam ser mostradas como a era de ouro, na qual havia a proximidade com os deuses ou com o paraíso, ou ainda, poder-se-ia ter o caso em que, num dado momento, o caos e a desordem poderiam ser censurados por um dilúvio ou por uma destruição cataclísmica (Moerbeck, 2018, p. 7).

De acordo com Moerbeck (2018), quando a cosmogonia é integrada à teogonia com aspecto e similaridade com antropomórfico, integra ao humano semelhanças com o divino. Desta forma, ao aproximar o humano e o fantástico o homem se conecta com a natureza em outro nível, criando padrões ideais de conduta, sendo que podem ser censurados pelos deuses e transformando fenômenos de acordo



com as particularidades em comum entre deuses e a humanidade. Somada a essa concepção, Vernant (2006, p. 5) acrescenta que “Há, portanto, algo de divino do mundo e algo de mundano nas divindades”.

Ainda, quando na cosmogonia ao explicar a desordem original do universo incentiva a humanidade a seguir a moral estabelecida, pois existe o medo de que os deuses punam a humanidade e permitam que o caos torne-se uma realidade (Moerbeek, 2018).

Para Silva (2017) a mitologia na Grécia Antiga tem sua base na forma dos homens compreenderem suas relações entre eles e com a natureza.

No entanto, Mircea Eliade (1972, p. 18) traz uma visão mais íntima entre religiosidade e mitologia:

"Viver" os mitos implica, pois, uma experiência verdadeiramente "religiosa", pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A "religiosidade" dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais. Não se trata de uma comemoração dos eventos míticos, mas de sua reiteração.

Com isto, Eliade (1972) elaborou a integração de mito e religiosidade, na qual em sua ritualística inova e reitera sua significação e transmissão de geração para geração, tratando-se da quebra de rotinas e passando para uma imersão em uma realidade fantástica e divinal, na qual tem a possibilidade de encontrar sentido naquilo que de forma diretamente racional não pode-se encontrar, indo além do que razão pode conceber.

## 2.5 CULTURA E MITOLOGIA

É possível afirmar que cada cultura tem elaborada sua formulação mítica, mesmo que sejam distintas para cada povo, levam em sua magna, características em comum com as demais sociedades, pois tratam-se de fatores sociais inerentes da espécie humana.

Desta maneira, Durozoi (1999, p.326) acrescenta que “Nas culturas em que é ativo, o mito serve de referência justificadora ou de modelo” Ou seja, todas as culturas tem princípios morais e faz uso da esfera mitológica para reforçar as condutas desejadas do seu povo, traçando modelos que são reforçadas por suas divindades e heróis exemplares.

Para Eliade (1972) essa característica supera a ideia de paganismo vão, considerando um conhecimento prático, demonstrando a melhor forma de execução moral.

## 3 METODOLOGIA

O presente artigo foi embasado em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, ou seja, os dados levantados foram alcançados através de livros, dissertações, outros artigos científicos, biografias,



revistas científicas e documentos históricos, fruto do estudo e pesquisa de grandes estudiosos e pesquisadores que se debruçaram sobre a análise do pensamento mitológico na Grécia Antiga.

A abordagem qualitativa foi elencada pela necessidade de interpretar os significados presentes nas obras selecionadas, levando em consideração não apenas a informação explícita contida em suas laudas, mas também as relações estabelecidas entre autores e perspectivas teóricas diferentes. Com isso, realizou-se a análise e observação destes construtos levantados.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados e informações alcançados pela pesquisa bibliográfica mostram que o mito teve papel social fundamental na Antiguidade grega, proporcionando uma forma de explicação da origem das coisas e da organização simbólica da vida coletiva. Conforme Chauí (2000) e Chinazzo (2013), o mito não pode ser entendido apenas como narrativa fantasiosa, pois está ligado às crenças, aos costumes, às práticas religiosas e à convivência humana, ou seja, o mito não é visto como mito por quem o vivencia.

No contexto grego, mito, sociedade e religião aparecem fortemente articulados. Silva (2017) e Vernant (1999; 2006) mostram que os gregos não separavam de modo rígido o natural do sobrenatural, atribuindo aos deuses influência direta sobre a natureza e sobre a vida humana. Assim, o mito integrava o imaginário coletivo e ajudava a sustentar a visão de mundo daquele povo.

As fontes da mitologia grega também são fundamentais para sua compreensão. Murari e Pereira Melo (2009) destacam os poemas homéricos como registros importantes da cultura helênica, enquanto Cerqueira (s.a) resalta o valor da iconografia dos vasos como fonte histórica. Moerbeck (2018) acrescenta que o mito possui uma estrutura própria de organização do real, posteriormente reelaborada em outros campos do pensamento, como a filosofia.

Por fim, a origem e a permanência da mitologia grega relacionam-se à necessidade humana de dar sentido à existência, ao mundo e aos fenômenos da vida. Leite (s.a), Maziero (2006), Durozoi (1999), Tolovi (2011) e Freud (2011) demonstram que o mito continua sendo uma referência cultural e explicativa, influenciando também a tradição ocidental contemporânea. Assim, conclui-se que a mitologia grega foi decisiva na formação social, religiosa e cultural da Antiguidade, mantendo ainda hoje sua força simbólica.

#### **5 CONCLUSÃO**

Ao discorrer sobre a mitologia grega e o seu papel na sociedade da Grécia Antiga, ficou evidente que sua principal característica foi a de dar significados para questionamentos intrínsecos da humanidade, uma forma de explicar a origem das coisas, de tudo que os rodeava.

Pensando desta maneira é possível afirmar que a filosofia e seu primórdio carece de um sentimento de gratidão para com a mitologia grega, dado ao fato de que o pensamento filosófico teve como “pano de



fundo” uma estrutura que tinha em suma o objetivo de trazer explicações, tais estas que já estavam consolidadas na sociedade grega, assim como cada povo teve sua própria formatação mitológica, como também foi apontado no artigo.

No entanto, a principal característica que faz mitologia e filosofia romperem, é a forma de creditação e o método de operação para estabelecer suas concepções, sendo que a filosofia almeja usar em totalidade a racionalidade, afim de esgotar todas as possibilidades possíveis e lógicas para designar suas explicações.

Entretanto, quando busca-se compreender de forma mais ampla a mitologia grega na antiguidade, como foi feita neste artigo, fica clara a relação instituída do mito na sociedade, tendo seu caráter tanto religioso, quanto cultural, sendo uma forma de unir a humanidade com a natureza, uma forma de unir o humano com o divino, passando a dar sentido, mesmo que um jeito totalmente abstraído, às jornadas que os indivíduos são sujeitados.

Não se pode afirmar, mesmo com o surgimento de novas correntes de pensamento que buscaram explicar de outras formas as mesmas origens elaboradas pela mitologia, em especial a grega, que a concepção mitológica se extinguiu.

Doravante seu caráter narrativo, muito pode ter se perdido com o passar das eras, porém com a utilização de fontes como os poemas homéricos e a iconografia dos vasos, a memória mitológica manteve-se vívida, tendo forte representatividade tanto nas correntes filosóficas quanto na cultura contemporânea, estando presentes em enredos cinematográficos, literários, televisivos e mediáticos, assim incorporando novos elementos da sociedade, mas jamais extinto.

## REFERÊNCIAS

BRAGA JUNIOR, Antonio Djalma; LOPES, Luís Fernando. **Introdução à filosofia antiga**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

CERQUEIRA, Fabio Vergara. **O testemunho da iconografia dos vasos áticos dos séculos VI e V a.C.:** fundamentação teórica para sua interpretação como fonte para conhecimento da cultura e sociedade da Grécia Antiga. Pelotas: UFPEL, s.a.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHINAZZO, Suzana Salete Raymundo. **Epistemologia das ciências sociais**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

DUROZOI, G. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1999.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1.ed. 16. Reimp. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.



HOMERO, tradução de Carlos Alberto Nunes. **Odisseia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011(Saraiva de Bolso).

LEITE, Lourenço. **Do simbólico ao racional**: Ensaio sobre a gênese da mitologia grega como introdução à filosofia. Bahia: Letras da Bahia, s.a.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. **Mitos gregos na literatura infantil**: que Olimpo é esse? Campinas, SP:2006.

MENEGHETTI, A. **Fisicidade e Ontologia**. 1. Ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MOERBECK, Guilherme. História Antiga no ensino fundamental: um estudo sobre os mitos gregos antigos e a consciência histórica. **Revista História Hoje**, v. 7, nº 13, p. 225-247 – 2018.

MURARI, Juliana Cristhina; PEREIRA MELO, José Joaquim. **A poesia homérica como instrumento educador fundamental na Grécia Antiga**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

SILVA, Lorena Pantaleão da. **Antiguidade clássica**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

SILVA, Roseana Almeida da. **Caminhos da filosofia**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

TOLOVI, Carlos Alberto. Mito, religião e organização social. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE** v.2 n.1 (2011).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Pensamento filosófico**: um enfoque educacional. Curitiba: Intersaberes, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio Ed., 1999.